

## **Xivi ha'eguí Tupã reguá - o duelo da Onça com Tupã: a produção de materiais etnomusicológicos a partir de processos colaborativos e a interculturalidade crítica**

### **Comunicação**

*Marília Raquel Albornoz Stein*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*mariliastein@ufrgs.br*

*Isaiás Luz da Silva*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul*  
*isaiasluz@gmail.com*

**Resumo:** Nesta comunicação apresentamos resultados parciais de uma pesquisa etnomusicológica colaborativa em desenvolvimento sob o título de “Cosmo-Sônicas, Modos de Escuta e Dinâmicas Sonoras da Presença dos Povos Originários no Rio Grande do Sul em Perspectiva Colaborativa”, que tem como objetivo a sistematização de conhecimentos sobre sonoridades e cosmo-sônicas (Stein, 2009) Guarani Mbyá no Sul do Brasil, assim como oportunizar seus desdobramentos interculturais críticos e sua difusão em artigos, materiais audiovisuais e diferentes contextos formativos. A confecção de um vídeo e um livro a partir de uma história imemorial tem oportunizado a reflexão sobre alguns aspectos do fazer etnomusicológico colaborativo e da interculturalidade crítica.

**Palavras-chave:** Cosmo-sônica Guarani Mbyá; Etnomusicologia colaborativa; Interculturalidade crítica.

Nesta comunicação apresentamos resultados parciais de uma pesquisa etnomusicológica colaborativa em desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o título de “Cosmo-Sônicas, Modos de Escuta e Dinâmicas Sonoras da Presença dos Povos Originários no Rio Grande do Sul em Perspectiva Colaborativa”, que tem como objetivo a sistematização de conhecimentos sobre sonoridades e cosmo-sônicas (Stein, 2009) Guarani Mbyá no Sul do Brasil, assim como oportunizar seus

desdobramentos interculturais críticos (Tubino, 2005; Walsh, 2009) e sua difusão em artigos, materiais audiovisuais e diferentes contextos formativos. A confecção de um vídeo e um livro a partir de uma história imemorial ou mítica chamada "Xivi Ha'Eguí Tupã Reguá - O Duelo da Onça com Tupã" tem oportunizado a reflexão sobre alguns aspectos do fazer etnomusicológico colaborativo e da interculturalidade crítica e estão em fase de finalização, avaliação e divulgação.

## O povo Guarani Mbyá e a centralidade do som

O povo originário Guarani Mbyá constitui - junto com os subgrupos Kaiowá e os Nhandeva - a nação Guarani, que ocupa territórios centro-meridionais do Brasil, assim como da Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Sua população ultrapassa o número de 300.000 pessoas (Mapa continental, 2016). Os Guarani são conhecidos na literatura científica como um povo que busca a *yvy marãei* (terra sem males), através do *oguatá* (caminhar), e a preservação das memórias ancestrais, pelo exercício das *ayvy porã* (palavras sagradas, boas e belas) (Cadogan, 1997; Clastres, 1990). Preconizam os estados de *nhembojeroviá* (respeito profundo), *mborayú* (reciprocidade) e *mbaraté* (fortaleza), sentimentos que se ampliam, por exemplo, com o nascimento de uma *mitã* (criança) e no cantar coletivo das *kyringüé* (crianças), assim como na escuta dos aconselhamentos, rezas, cantos e danças orientados pelos *karai* e *kunhã karai*, pessoas experientes que desenvolvem os rituais de profilaxia e cura, de passagem, batismo, entre outros. Estes sábios e sábias lideram, além do caminho espiritual da coletividade, as lutas pelo *mbya rekó* (modo de vida mbya).<sup>1</sup> (Sabedorias ~ Arandu ~ Kanhgág Kajró Pë, 2023/24)

---

<sup>1</sup> Recentemente, dia 14 de fevereiro de 2024, houve uma retomada de território tradicional por um grupo Guarani Mbyá em Viamão, RS, a *tekoá Nhe'engatu*, cujo nome é, segundo Eloir Werá Xondaro, liderança da retomada, uma homenagem ao recentemente falecido *karai Turíbio*, e a decisão da retomada é atribuída a ele e sua esposa, também falecida há poucos meses, *kunhã karai Laurinda*. "Esse espaço aqui foi revelado em sonhos para as pessoas mais velhas da aldeia" (Eloir, reportagem Sul21, 01 mar. 2024, disponível em:

Dessa breve descrição do povo Guarani e Guarani Mbyá – baseada em falas de pesquisadores e mestres Guarani e na etnologia Guarani brasileira de forma mais ampla - já se revelam modos pelos quais as capacidades agentivas do som e da palavra estão presentes nas suas vidas. Foi a partir dessa qualidade cotidiana e cosmológica dos Mbyá que se desenvolveu o conceito de cosmo-sônica, para enfatizar a centralidade das práticas sonoras para a existência terrena e cósmica, material e simbólica dos Mbyá. A ideia adveio dos diálogos de uma das pesquisadoras jurua (não indígena) que apresenta esta comunicação com interlocutores Mbyá e com etnomusicólogos que investigaram práticas sonoro-performáticas dos Guarani e de outros povos ameríndios (Seeger, 2015; Menezes Bastos, 1999; Montardo, 2009, entre outros). Os Guarani Mbyá atribuem ao mundo sonoro - aquele falado, cantado, rido e chorado, particularmente pelas crianças ou em função delas —, um lugar central no oguatá porã (caminho sagrado guarani em direção à aguyjé/perfeição). Os sons são parte da compreensão e expressão do modo de ser/estar da coletividade e do mundo, ao mesmo tempo que promovem a sua recriação e sustentação. Assim expressa o kyringüé ruvíxá, mestre [de música] das crianças Guarani Mbyá Vherá Poty,

Para nós Mbyá-Guarani, o canto e a palavra são desdobramentos da essência divina de Nhanderú, Nosso Primeiro Pai, criador de tudo que existe. Através do canto e da palavra nos comunicamos com nossas divindades. O canto é uma inspiração divina, enviada para nós Mbyá-Guarani através dos sonhos. O canto tem o poder de curar as pessoas e fortalecer a vida comunitária. Todos os cantos são repassados às gerações mais jovens através das cerimônias realizadas na *opy*, casa cerimonial (“a fonte da eterna alegria”). (Vherá Poty *apud* Stein, 2009, p. 126)

A noção de cosmo-sônica, portanto, sintetiza a proposição de que o mbyá rekó (modo de ser/estar Mbyá) se forja em uma existência produzida, orientada e mediada

---

<https://sul21.com.br/noticias/geral/2024/03/retomada-nheengatu-a-divida-e-eterna-mas-nao-estamos-cobrando-so-queremos-um-lugar-adequado/>

21 a 23 de novembro de 2024  
Maringá - Paraná | Universidade Estadual de Maringá / Sesc



[www.abem.mus.br](http://www.abem.mus.br)

pelo som. Processos constitutivos da pessoa Mbyá se relacionam de muitas maneiras com o universo da performance (Schechner, 1985; Turner, 1986) dos movimentos e das vibrações melódicas e rítmicas produzidas pelos Mbyá. A análise da existência mbyá como cosmo-sônica reforça dois aspectos desta forma de vida. Por um lado, seu caráter temporal, processual, cíclico e inacabado, o devir guarani. Por outro, o predomínio dos processos vibratórios, cinéticos, performáticos, sonoros, nesta constituição temporal da pessoa, do cosmos, da existência cotidiana entre os Mbyá: mborai e jerojy (danças), mba'epú (instrumentos musicais sagrados) e ayvu porã (palavras belas e sábias) estão presentes na origem mítica do cosmos e dos coletivos Guarani, nas estratégias de ensino e aprendizagem de seu modo de ser/estar, nos cuidados e tratamentos corporais que constituem cada pessoa Mbyá, nos rituais de nomeação, no investimento coletivo na preservação do mundo e nas relações com diversos seres - humanos e extrahumanos. São formas variadas pelas quais os Mbyá valorizam a escuta e a produção de sons e movimentos em suas vidas. (Stein, 2015, p. 210-211; Luz da Silva, 2023)

## **A memória através dos cantos e seus registros**

Em um dos movimentos interculturais críticos desta pesquisa de longa duração e de caráter etnográfico, foram produzidos registros de cantos e danças e de histórias míticas Guarani Mbyá, em encontros nas comunidades Guarani Tekoá Guaviraty (Santa Maria/RS) e Tekoá Pindó Mirim (Terra Indígena de Itapuã, Viamão/RS), entre os anos 2013 e 2016. Através de uma parceria com o Projeto de Documentação Sonora (ProDocSon) intitulado "O trabalho da memória através dos cantos" (Museu do Índio do Rio de Janeiro/FUNAI - UNESCO),<sup>2</sup> de âmbito nacional, foram concedidas bolsas para pesquisadores originários promoverem suas memórias coletivas e seus registros,

---

<sup>2</sup> A etnomusicóloga Rosângela P. de Tugny coordenou o ProDocSon.

para divulgação nas instâncias que lhes parecessem adequadas. No Rio Grande do Sul, dois pesquisadores Guarani Mbyá participaram do projeto etnomusicológico junto à UFRGS/Museu do Índio do Rio de Janeiro por cerca de 18 meses. Uma etnomusicóloga ligada ao Grupo de Estudos Musicais (GEM), do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e diversos estudantes do curso de Música da mesma instituição, bolsistas de Iniciação Científica, trabalharam por alguns períodos junto a estes pesquisadores originários na finalização dos dois produtos mencionados no início desta comunicação, o vídeo e o livro "Xivi Ha'Eguí Tupã Reguá - O Duelo da Onça com Tupã".<sup>3</sup>

A história do duelo entre Xivi (onça) e Tupã (divindade dos raios, trovões e chuvas) foi narrada pela pesquisadora Neusa Benites da Silva na Tekoá Guaviraty em dezembro de 2013, durante uma oficina promovida para o trabalho com as memórias sonoras da comunidade, que contou com o etnomusicólogo Leonardo Rossi como técnico de gravação. Os desenhos que completam a narrativa foram feitos cerca de um ano depois, em duas oficinas de apreciação da história, pelas crianças e jovens na Tekoá Pindó Mirim<sup>4</sup>. Vherá Poty,<sup>5</sup> também pesquisador do projeto, traduziu a narrativa do Guarani para o Português e orientou a confecção do vídeo.

---

<sup>3</sup> Sob orientação de Marília Stein (GEM/UFRGS – ProDocSon-RS, coord.), atuaram no projeto Neusa Benites da Silva (ProDocSon-RS - UNESCO), Vherá Poty Benites da Silva (ProDocSon-RS - UNESCO), Alexandre Ravanello (BIC/UFRGS), Daniel Acosta (BIC/UFRGS), Isaias Luz da Silva (BIC-FAPERGS/UFRGS), Lair Raupp (BIC/UFRGS), Mariane Kerber (BIC-CNPq/UFRGS) e Mateus Zanolla (BIC-CNPq/UFRGS).

<sup>4</sup> Desenhos de Andréa Dinarte Moreira, Álvaro Dinarte Moreira, Dionízia Rete da Silva, Elizandro Moreira, Estela Gonçalves, Fabiano Moreira Gabriel da Costa, Ilda Dinarte, Joanita Gonçalves, José Gonçalves, Lidiane, Luan, Marcos, Maria Jaxuká Fernandes, Mariana, Nicolás Dinarte Moreira, Patrícia Jaxuká Dinarte, Sidi Dinarte Benites, Sílvia Para'í, Wiliam Mariano Fernandes e Wiliam dos Santos. Execução Instrumental e Vocal pelo Grupo de cantos e danças Mbyá Nhamandú (TI Itapuã), coordenado por Vherá Poty, Arnildo Gonçalves e Pedro Espíndola.

<sup>5</sup> Tanto a família de Vherá Poty quanto a de sua irmã Neusa estão atualmente em uma tekoá (aldeia) constituída a partir de uma retomada em São Gabriel, RS.

Segue um excerto da história, em que optamos por manter os textos em Guarani e Português um ao lado do outro, exemplificando uma das dimensões interculturais da pesquisa:

[...] Oo ma xivi yvy hapy re havi oó. / Há'é  
tupã ma oo gueta py avi. / Joeká reivé  
va'ekué rañé py. / Oguerú ooroma py há'é.  
/ Aevy ma py xivi ou aipókemã yvy. /  
Omboreryi pá jepi ou vy. / Onendú apy re'i  
rive rañé a'erami py ou. / Eii ta'avy peteï  
hendapy. / He'i aepy tereoreo, anike  
rejepe'ave'i einyeme anindepyrerová.

[...] Então a onça foi para sua morada e  
tupã também / Então a onça falou para  
Tupã que fosse esperar em um lugar na  
terra. / Aí a onça falou: “Você fica nesse  
lugar e eu vou com a minha total força  
assustadora. Não mexa seu corpo nem  
seus pés. Se você se mover de susto ou de  
medo você perde o jogo.” / Aí Tupã ficou  
esperando, e a onça começou a vir de sua  
morada, fazendo o chão estremecer com o  
seu rugido.

**Figura 1:** Pesquisadora Neusa Benites da Silva na Tekoá Guaviraty, Santa Maria/RS



Fonte: Fotografia produzida por Vherá Poty, 2013

**Figura 2:** Desenho que ilustra vídeo e livro sobre a história do duelo entre Xivi (onça) e Tupã (divindade)



Fonte: Desenho produzido por William (criança da Tekoá Pindó Mirim, Viamão/RS), 2015

A voz de Neusa conduz escuta e visão ao duelo entre Tupã e Xivi, permeado por trovões e rugidos. Como moldura sonora, o vídeo inicia e termina respectivamente com um mborai (canto e dança) e um jerojy okareguá (música instrumental do pátio), gravados o primeiro na Tekoá Guaviraty e o segundo na Tekoá Pindó Mirim. Para o livro, contamos com a transcrição das palavras Guarani Mbyá por Daniel Kuaray Papa (Tekoá Jataity, Terra Indígena do Cantagalo, Viamão/Porto Alegre, RS), que cursava Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS e foi bolsista de Iniciação Científica em 2016. No mesmo ano, a história em vídeo foi apresentada para crianças e professores na Tekoá Jataity, quando Daniel Kuaray Papá era professor na escola da comunidade, sendo deixada uma cópia da versão intermediária com Kuaray Papá. Recentemente, o vídeo foi mostrado na Tekoá Nhundy (Estiva, Viamão/RS), para um grupo familiar, desencadeando reflexões em torno da narrativa e a expressão do interesse em registrar outras histórias também importantes sobre os valores Mbyá. Finalmente, o vídeo foi dado por finalizado pelo coletivo que vinha trabalhando nele, com anuência dos antigos pesquisadores Guarani e também de outros interlocutores Guarani, como um estudante do curso de História, primeira pessoa Guarani Mbyá a se formar neste curso da UFRGS, no final de 2023. (Benites da Silva *et al.*, 2023)

A história expressa através da performance oral e pictórica a memória viva do mbyá rekó e possibilita uma aproximação à cosmovisão ou cosmo-sônica guarani (Stein, 2009; Luz da Silva, 2023), em especial aos elos entre o terreno e o sagrado, dinamizados por forças agentivas cinéticas e sonoras postas em interação. O detalhamento da análise da história será abordado em outra ocasião.

## **Interculturalidade crítica e etnomusicologia colaborativa**

Quando mencionamos “movimentos interculturais críticos” anteriormente, nos referimos a uma forma de fazer etnomusicologia que procura estar atenta ao que Fidel Tubino (2005) e Catherine Walsh (2009a; 2009b) apontam, ao distinguir tal postura daquela da interculturalidade funcional. Enquanto esta última se volta ao problema da diversidade ou

diferença em si, à tolerância ou inclusão culturalista (neo)liberal; a interculturalidade crítica parte do reconhecimento de um problema estrutural colonial racial - no fazer científico, na educação, etc. - e de sua ligação ao capitalismo de mercado. Como processo e projeto, a interculturalidade crítica questiona a lógica irracional instrumental do capitalismo e aponta para a construção de sociedades diferentes, orientada por outra ordem social. Conforme Walsh,

Enquanto a interculturalidade funcional assume a diversidade cultural como eixo central, sustentando seu reconhecimento e inclusão “manipulada” dentro da sociedade e o Estado nacional (uni-nacional por prática e concepção), e deixando fora os dispositivos e padrões de poder Institucional – estrutural – os que mantêm a discriminação, iniquidade e desigualdade – a interculturalidade crítica parte da questão do poder, seu padrão de racialização e a diferença que tem sido construída em função disso. [...] Entendida desta maneira, o problema central do qual parte a interculturalidade não é a diversidade étnico-cultural, é a diferença construída como padrão de poder colonial que segue transcendendo praticamente todas as esferas da vida. Por isso mesmo, a interculturalidade entendida criticamente ainda não existe, é algo por construir. Daí seu entendimento, construção e posicionamento como projeto político, social, ético e também epistêmico – de saberes e conhecimentos -, projeto que afiança para a transformação das estruturas, condições e dispositivos de poder que mantêm a desigualdade, racialização, subalternização e inferiorização de seres, saberes e modos, lógicas e racionalidades de vida. Desta forma, a interculturalidade crítica pretende intervir e atuar sobre a matriz da colonialidade, sendo esta intervenção e transformação passos essenciais e necessários na construção mesma da interculturalidade. (Walsh, 2009a, p. 7-8)

A atitude intercultural crítica foi entendida nesta trajetória de pesquisa como um aprofundamento educativo dos princípios do método etnográfico elaborado no campo da etnomusicologia colaborativa, que orientou a pesquisa em foco desde seu princípio, tendo inclusive gerado materiais sonoro-musicais e educativos Guarani Mbyá produzidos por solicitação e com orientação central de mestres de música Guarani, como o livro-CD “Yvy

Poty, Yva'á: Flores e Frutos da Terra” (Lucas; Stein, 2012).<sup>6</sup> Compreende-se a pesquisa colaborativa como

uma metodologia participativa que busca descentrar o pesquisador de um lugar privilegiado no processo investigativo, que sai de sua cadeira no gabinete e se põe em posição de diálogo, negociação no trabalho de campo. A crise de identidade resultante deste processo é também uma crise de autoria – Quem faz a etnografia? Quem a escreve? Para quem? Quem registra os repertórios musicais em diferentes mídias? Por quê? Para quê? (Stein, 2009, p. 103)

A noção de “colaboração” na pesquisa tem passado por mudanças, no sentido da ampliação do protagonismo investigativo e de seus modos epistêmicos, com base na reflexão sobre os espaços de poder e lutas tanto territoriais quanto acadêmicos e curriculares. Entende-se necessária uma mudança radical das perspectivas e formas de fazer ciência, que seja pluriversa e valorize as línguas, linguagens, corporeidades, subjetividades, científicas e modos de vida dos diferentes coletivos humanos, para além das subjetividades coloniais e eurocentradas. Passando pelas discussões sobre a autoridade etnográfica (Clifford, 1999), sociologia sentipensante (Fals Borda, 2015), encontros de saberes (Carvalho, 2010) e epistemologias do sul (Santos, 2010), impõe-se a tarefa de fazer valerem as teorias da prática e de reformular socialmente a colonialidade nas relações de poder e saber (Quijano, 2000), abrindo espaços para a interculturalidade crítica como acima definida. As reflexões a respeito da pesquisa colaborativa têm sido tematizadas entre pesquisadores Guarani Mbyá e jurua por exemplo em palestras, comunicações e artigos (Stein; Silva, 2014).

## Oralidade e escrita

---

<sup>6</sup> CD “Yvy Poty, Yva'á” (2009; 2ª impressão em 2012) foi previsto no projeto “Salvaguarda do patrimônio musical indígena: registro etnográfico multimídia da cultura musical em comunidades Mbyá-Guarani da Grande Porto Alegre, RS”, aprovado a partir do Edital de Concurso n. 001/2007 – Apoio e Fomento ao Patrimônio Cultural Imaterial e financiado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O projeto foi desenvolvido em caráter colaborativo por estes três grupos de cantos e danças tradicionais Mbyá-Guarani e o GEM, do PPGMUS da UFRGS, sob coordenação de Maria Elizabeth Lucas, entre janeiro de 2008 e março de 2009.

Dos registros etnográficos produzidos, foram selecionadas narrativas, fotografias, desenhos e cantos e danças para comporem os dois materiais educativos. Ambos foram concebidos para serem difundidos nas comunidades Guarani, especialmente nas escolas Guarani, e também foi autorizada sua circulação em outros contextos etnomusicológicos/educativos interculturais.

Como falamos inicialmente, as práticas verbais e musicais têm um lugar de grande importância no mbyá rekó e na construção da pessoa Guarani, em especial das kyringüé (crianças). Estas, por sua vez, expressam suas perspectivas através dos sons e desenhos - o sopro do novo que sustenta a tradição. Xivi e Tupã são seres para os Mbyá modelares de um pensamento em ação de formas de ser no mundo e no cosmos. Ao mesmo tempo em que essa história carrega valores, princípios e ensinamentos do povo Mbyá, é um ponto estelar em uma constelação de experiências e perspectivas. Assim, deve ser compreendida em seu contexto de criação e performance, uma aproximação aos significados que cada personagem e processo adquire para as pessoas Guarani Mbyá participantes dessa pesquisa.

Entre as inúmeras tarefas que ainda temos a cumprir, vimos refletido sobre as continuidades entre a oralidade e a escrita, sobre o que os juruá abordam como mito e como as narrativas imemoriais são conceitualizadas pelas pessoas Mbyá, compreendendo que em todas essas reflexões um aspecto central é a memória viva Guarani, que não por acaso intitula os paradigmáticos álbuns sonoros Guarani Mbyá de São Paulo e Rio de Janeiro, volume 1 (Fonseca, 1998) e volume 2 (Fonseca, 2024). Como sugere Jack Goody (2012, p. 9), os temas dos mitos – um dos diversos gêneros da “literatura oral”, “são traços de ‘outras culturas’, fora dos limites da racionalidade ‘moderna’, obedecendo a outro sistema de lógica” que, portanto, requerem

examinar as sociedades mais do ponto de vista do autor, e de considerar essas formas não como produtos fixos e em fórmulas, mas sim formas que refletem a criatividade do ser humano como um animal que usa a linguagem diante do mundo, sem ser livre da tradição, mas em ser totalmente limitado a ela. (Goody, 2012, p. 9)

Neste sentido,

cada versão precisa ser examinada separadamente, mesmo dentro de uma mesma cultura, já que a chamada visão de mundo é mais diferenciada do que a maioria dos antropólogos – com sua visão de um ‘presente etnográfico’ como única cadeia – pode imaginar. (Goody, 2012, p. 16)

Para analisar a relação entre o oral e o escrito na perspectiva etnomusicológica, Samuel Araújo (2007) retoma o pensamento de Goody para formular uma crítica ao tratamento de oralidade e escrita como categorias antagônicas. Segundo Goody (*apud* Araújo, 2007) seria mais adequado entendê-las como dois termos de um contínuo, em que se confrontam diferentes princípios de abstração/simbolização, conforme os contextos e finalidades. Nesse processo, etnomusicólogos/as, sugere Araújo, vão interpretar categorias êmicas baseadas em sistemas de referências de produção e recepção próprios de determinada comunidade, com a qual o/a pesquisador/a externo/a tenta se familiarizar. Finalmente, buscam-se “meios de traduzir de modo coerente toda essa experiência em texto escrito e/ou outros suportes” que carregam, enfatiza, os riscos da descontextualização, possíveis equívocos de interpretação e a ameaça da supressão da temporalidade da experiência vivida. Quais os impactos do acesso a essas escrituras pelos agentes das práticas musicais etnografadas? Araújo se pergunta também acerca de como lidar com a reatividade de um amplo conjunto da sociedade ocidentalizada frente às culturas musicais “tradicionais” (rurais, comunitárias, detentoras de “saberes orgânicos”, conforme Bispo dos Santos, 2023), inclusive de pessoas da área da Música que,

ávidos por uma inocência idealizada, ainda reagem negativamente e até mesmo com reprovação diante de culturas musicais que não se comportam “adequadamente”, isto é, interpolando oralidade e outros meios de representação do pensamento e da ação musical, como livros, discos, partituras, etc., ou ainda cultivando repertórios classificados a priori como externos à sua identidade cultural. (Araújo, 2007, p. 63)

Por outro lado, Araújo atenta para algo que Charles Seeger já observava nos anos 1950 - contra as dicotomias entre culturas “ágrafas” e baseadas na “escrita”, indicando um

outro contínuo entre os sistemas musicais. Segundo o autor, estava em curso um deslocamento do foco da pesquisa musical contemporânea, das peças musicais, repertórios e autorias - em direção às relações entre as recorrências de suportes verbais e não verbais e as práticas musicais, com destaque para tecnologias variadas - partituras, registros de áudio, vídeo, etc. -, sua conexão com a oralidade e seu impacto social. Recoloca-se a oralidade, segundo Araújo, entre outros modos intercambiáveis de práxis cultural, como uma possibilidade intrínseca a qualquer fenômeno contemporâneo e parte do “campo de emergência de conflitos entre categorias, enunciadas oralmente ou em forma escrita, e as práticas a elas correspondentes” (Araújo, 2007, p. 63-64).

## Considerações finais

A perspectiva etnográfica da etnomusicologia colaborativa tem orientado os processos desenvolvidos pelo grupo envolvido nesta pesquisa, no sentido de construirmos aprendizagens sobre diferentes instâncias cosmo-sônicas ou, quem sabe, inter-cosmo-sônicas implicadas na pesquisa - povos originários, territorialidades, modos de existência, epistemologias, práticas musicais, educação, escolarização –, buscando aproximações à interculturalidade crítica na confecção de materiais etnomusicológicos e educativos/didáticos. Pretendemos dar continuidade às interpretações dos materiais, às reflexões sobre oralidade/escrita e ao planejamento de modos de difusão dos materiais que estejam de acordo com os interesses e necessidades dos participantes Guarani Mbyá desta pesquisa. Novamente lembramos Walsh, que concebe interculturalidade crítica em ressonância e possíveis fusões com a decolonialidade:

[...] proponho a interculturalidade crítica como ferramenta pedagógica que questiona continuamente a racialização, subalternização, inferiorização e seus padrões de poder, visibiliza maneiras diferentes de ser, viver e saber e busca o desenvolvimento e criação de compreensões e condições que não só articulam e fazem dialogar as diferenças num marco de legitimidade, dignidade, igualdade, equidade e respeito, mas que – ao mesmo tempo –

alentam a criação de modos “outros” – de pensar, ser, estar, aprender, ensinar, sonhar e viver que cruzam fronteiras. A interculturalidade crítica e a decolonialidade, nesse sentido, são projetos, processos e lutas que se entrecruzam conceitualmente e pedagogicamente, alentando forças, iniciativas e perspectivas éticas que fazem questionar, transformar, sacudir, rearticular e construir. Essa força, iniciativa, agência e suas práticas dão base para o que chamo de continuação da pedagogia de-colonial. (Walsh, 2009b, p. 25)

As implicações das produções e circulações destes materiais – culturais, educacionais, didáticos – nas escolas indígenas e não indígenas não foram o foco desta comunicação, e a respeito podemos buscar, por exemplo, em Zanatta e Stein (2020), Padilha (2022) e Padilha *et al.* (2024). Estes relatos descrevem processos educativos liderados por professores Kaingang e Guarani Mbyá no âmbito da ação Saberes Indígenas na Escola/Núcleo UFRGS, proposta extensionista de formação continuada de docentes indígenas, envolvidos com o planejamento da educação escolar diferenciada e a produção de materiais didáticos originários. Consideramos, ainda assim, que os materiais Guarani Mbyá referidos nesta comunicação também potencializam a resistência e a confluência do pedagógico com o político através da práxis intercultural, a exemplo do que ocorre na ação Saberes Indígenas na Escola e Tettamanzy *et al.* elaboram a seguir:

As produções indígenas, situadas na geopolítica da crítica decolonial, resistem à colonialidade, isto é, à destruição de línguas, modos de existir e cosmologias. Na abordagem de Catherine Walsh (2005), a interculturalidade se relaciona com a decolonialidade posto que oferece meios de superar o legado colonial que inferiorizou e até mesmo destruiu povos e sistemas de conhecimento não ocidentais; entre esses dispositivos está o estímulo ativo a processos de intercâmbio que permitam construir espaços de encontro entre seres, saberes, sentidos e práticas distintas. Evidentemente que esses processos de trocas, em sociedades marcadas por desigualdades e hierarquizações brutais, não se desenrolam de modo pacífico. Uma aposta central está na ação pedagógica (WALSH, 2017), que permite a professores/intelectuais se colocarem próximos de grupos sociais e humanos que com suas lutas resistem às novas formas de exploração colonial, atualmente situadas em recortes globais e por meio de corporações transnacionais. Trata-se de uma ética da luta, que implica uma práxis e uma pedagogia de vida na criação de outros mundos, quer dizer, uma tessitura

que une o pedagógico e o decolonial a fim de afirmar a vida fora da lógica-estrutura capitalista-patriarcal-moderno/colonial. Com isso, a transformação radical das estruturas, instituições e relações existentes só será possível, a nosso ver, se partir das cosmovisões dos submetidos pelo poder hegemônico ocidental. O pedagógico e o político confluem na práxis intercultural em que a terra continua educando através das fontes e meios milenares, a palavra viva dos anciões das aldeias. (Tettamanzy *et al.*, 2020, p. 127-128)

Aportamos nessa breve apresentação, portanto, algumas reflexões sobre a produção do vídeo e do livro “Xivi Ha'Eguí Tupã Reguá - O Duelo da Onça com Tupã” em um contexto de desafios interculturais críticos que confluem no Brasil para um amplo movimento indígena e decolonial.

## Referências

ARAÚJO, Samuel. Em busca da inocência perdida? Oralidade, tradição e música no novo milênio. In: TUGNY, Rosângela; CAIXETA, Ruben (org.). *Músicas africanas e indígenas no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 59-70.

BENITES DA SILVA, Neusa *et al.* *Xivi Ha'Eguí Tupã Reguá - O Duelo da Onça com Tupã*. GEM-UFRGS; PRODOCSON-Museu do Índio do Rio de Janeiro/FUNAI; UNESCO, 2024. Vídeo, 4'38'. Disponível em: <<https://youtu.be/wJpHzAgNOY8>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CADOGAN, Leon. *Ayvu Rapyta*. Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. Asunción: CEPAG, 1997[Universidade de São Paulo, 1959].

CARVALHO, José Jorge de. Los estudios culturales en América Latina: interculturalidad, acciones afirmativas y encuentro de saberes. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, n. 12, p. 229-251, jan.-jun. 2010. Disponível em: <<https://www.revistatabularasa.org/numero12/los-estudios-culturales-en-america-latina-interculturalidad-acciones-afirmativas-y-encuentro-de-saberes/>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CLASTRES, Pierre. *A Fala Sagrada: mitos e cantos sagrados dos Índios Guarani*. Campinas SP: Papius, 1990.

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: \_\_\_\_\_. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1999. p. 17-62

FALS BORDA, Orlando. *Una sociología sentipensante para América Latina*: Orlando Fals Borda. Antologia e apresentação Víctor Manuel Moncayo. México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20151027053622/AntologiaFalsBorda.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

FONSECA, Antônio Maurício (direção geral). *Ñande Reko Arandu* – Memória Viva Guarani. Projeto Memória Viva Guarani - Associação Indígena Tembiguaí, Associação Indígena da Aldeia Morro da Saudade, Associação Indígena da Aldeia Rio Silveira, Associação Comunitária Indígena do Bracuí-Acibra, Comunidade Solidária/Interlocação São Paulo, 1998. 1 CD. (73:39min). Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy\\_mUvkxy\\_IBwQk\\_WPMiKOekUczb0d\\_YITno](https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_mUvkxy_IBwQk_WPMiKOekUczb0d_YITno)>. Acesso em: 12 ago. 2024.

FONSECA, Antônio Maurício (coordenação geral). *Ñande Arandu Pyguá*: Memória Viva Guarani. Coordenação indígena: Marcos dos Santos Tupã, Timóteo Verá Popyguá, Valdelino Karai Veríssimo, Manoel Lima Karai Poty, Olívio Jekupé. Instituto Tekó Arandu/Projeto Memória Viva Guarani, São Paulo, 2004. 2 CDs. (CD1 - 123:28min; CD2 – 127:58min) Disponível em:  
<[https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy\\_mqw2pRdXR3Gu2ZLORp4OSok3X18OsGD4A](https://www.youtube.com/playlist?list=OLAK5uy_mqw2pRdXR3Gu2ZLORp4OSok3X18OsGD4A)>. Acesso em: 12 ago. 2024.

LIMA RODGERS, A. P. et al. A Memória das canções como um território de resistência entre os povos indígenas da América do Sul: Um projeto coletivo de documentação. In: LÜHNING, A.; TUGNY, R. P. de (org.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: Ed. UFBA, 2016. p. 139-183.

LUCAS, Maria Elizabeth; STEIN, Marília Raquel Albornoz (org.). Coordenação indígena: Agostinho Verá Moreira, Guilherme Werá Benites da Silva, Marcelo Kuaray Benites, Vherá Poty Benites da Silva. *Yv'y Poty, Yva'á - Flores e Frutos da Terra*: cantos e danças tradicionais Mbyá-Guarani. Porto Alegre: Iphan/GEM/PPGMUS/UFRGS, 2012 (reimpr.) [2009]. 88 p. CD e livro. (59:55min). Disponível em: <[https://youtu.be/\\_rLtXALRt7Y](https://youtu.be/_rLtXALRt7Y)>. Acesso em: 12 ago. 2024.

LUZ DA SILVA, Isaías. A cosmo-sônica guarani como ponto de partida para compreender as relações com o mundo e o universo. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 35., 2023, Porto Alegre, RS. *Anais*. Porto Alegre: UFRGS, 2023. Disponível em:  
<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/270043>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. *A musicológica Kamayurá*: para uma antropologia da comunicação no Alto Xingu. 2. ed. Brasília: FUNAI, 1999[1979].

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. *Através do “Mbaraka”*: música, dança e xamanismo Guarani. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 304 p. Inclui um CD.

PADILHA, Francis Ricardo Rocha. *Vozes e saberes indígenas na escola*: uma abordagem qualitativa de materiais e processos educativos e sonoro-musicais kaingang e mbyá guarani. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em:  
<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/241805>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO. 2000. p. 203-241.

SABEDORIAS ~ ARANDU ~ KANHGÁG KAJRÓ PĚ. 10 anos da ação Saberes Indígenas na Escola. Museu da UFRGS; Saberes Indígenas na Escola – Núcleo UFRGS, 2023/24. Exposição. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/museu/sabedorias>. Acesso em: 09 ago. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Editora Cortez, 2010. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SCHECHNER, Richard. *Between Theater and Anthropology*. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985.

SEEGER, Anthony. *Why Suyá Sing? a Musical Anthropology of an Amazonian People*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

STEIN, Marília Raquel Alborno. *Kyringüé mborái: os cantos das crianças e a cosmo-sônica Mbyá-Guarani*. Tese (Doutorado em Etnomusicologia), PPGMUS, UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17304>. Acesso em: 10 ago. 2024.

STEIN, Marília Raquel Alborno. Sonidos e imágenes en la construcción de la persona mbyà-guaraní en el sur de Brasil. *Anthropologica*, ano XXXIII, n. 35, p. 205-233, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/anthropologica/article/view/14642>. Acesso em: 10 ago. 2024.

STEIN, Marília Raquel Alborno; SILVA, Vherá Poty Benites da. Refletindo sobre experiências em Etnomusicologia Colaborativa no Extremo Sul do Brasil. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA (RBA), 29., 2014, Natal, RN. *Anais*. Natal: RBA, 2014. Disponível em: [https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402923185\\_ARQUIVO\\_textoRBA\\_Marilia\\_VheraPoty.pdf](https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402923185_ARQUIVO_textoRBA_Marilia_VheraPoty.pdf). Acesso em: 11 ago. 2024.

TETTAMANZY, Ana Lúcia et al. “Na aldeia eu tenho o alfabeto inteiro”: o que pensamos que aprendemos sobre a língua e a escola com os Guarani e Kaingang. In: ZANATTA, C. et al. *Saberes Indígenas na Escola /UFRGS: memórias e resistências*. Porto Alegre: CirKula, 2020. p. 115-130. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/saberesindigenas/wp-content/uploads/2021/09/Livro-Saberes-Indigenas.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

TUBINO, Fidel. La interculturalidad crítica como proyecto ético-político. In: ENCUENTRO CONTINENTAL DE EDUCADORES AGUSTINOS. 2005, Lima. *Anais*. Disponível em: <https://www.oalagustinos.org/edudoc/LAINTERCULTURALIDADCR%3%8DTICACOMOPROYECTO%3%89TICO.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

TURNER, Victor W. Dewey, Dilthey, and Drama: An Essay in the Anthropology of Experience. In: \_\_\_\_\_; BRUNER, Edward M. (ed.). *The Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1986. p. 33-44.

WALSH, Catherine. *Interculturalidade e (des) colonialidade: perspectivas críticas e políticas*. Tema preparado para o XII Congresso ARIC, Florianópolis, Brasil, 29 jun. 2009a. Disponível em: <<https://periodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/3412>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009b. p. 12-42. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1qsxk62GkTWitL5NS6wrkkgualbBInzz4/view?usp=sharing>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

ZANATTA, Claudia; STEIN, Marília. Percepções de como os professores Guarani e Kaingang conceberam os materiais didáticos. In: ZANATTA, C. et al. *Saberes Indígenas na Escola /UFRGS: memórias e resistências*. Porto Alegre: CirKula, 2020. p. 55-90. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/saberesindigenas/wp-content/uploads/2021/09/Livro-Saberes-Indigenas.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2024.